

FMI: economista não entende as causas da inflação alta

A chefe-adjunta da Divisão do Atlântico do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ana Maria Jul, encerrou ontem a visita de sete dias a Brasília, sem entender, mesmo após longas conversas com o secretário Especial de Abastecimento e Preços (Seap), José Milton Dallari, as razões que elevaram a inflação dos cinco primeiros meses deste ano a 60,7%. Também sem entender as causas, o Banco Central apura hoje a expansão da base monetária — emissão primária de moeda — em maio, ciente de que o desvio nos últimos dois meses inviabilizou não só a meta trimestral de 13,5% como a anual de 50% para o crescimento da oferta monetária. O descontrole da base monetária e da inflação já levou a economista do FMI a informar o Banco Central de que o fundo passará a enviar mensalmente um auditor ao Brasil.

A informação de Jul sobre a auditoria mensal não deve preocupar, informou fonte do Banco Central, ao ressaltar que, em alguns países, o FMI man-

tém economista residente. Mas o seu imprevisto segundo encontro com o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, de cerca de meia hora, pouco antes de deixar Brasília, revelou a preocupação de Ana Maria Jul com os rumos da política monetária e seus reflexos inflacionários. Por isso, embora a carta de intenções e o memorando técnico de entendimentos em vigor no País com o FMI contenham metas trimestrais, o FMI mandará um economista — mais rotineiramente, a própria Jul — para acompanhar os indicadores mensais de expansão monetária, do setor público e das contas externas. Após “a visita de rotina” de Jul, o Banco Central e a Secretaria de Planejamento da Presidência da República esperam a vinda, em agosto, da missão efetiva do FMI. De acordo com as avaliações dos dados levados pela chefe-adjunta da Divisão do Atlântico, o FMI também pode chegar à conclusão de que será inevitável a renegociação de metas da quinta carta de intenções do Brasil.